

Música
15 de novembro 2012

Trio Reijseger, Fraanje, Sylla

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Violoncelo Ernst Reijseger

Piano Harmen Fraanje

Voz, M'bira, Xalam, Kongoma Mola Sylla

Qui 15 de novembro

21h30 · Grande Auditório · Duração aprox. 1h20 · M3

National Geographic

Faz todo o sentido que a multinacional mediática (encontramo-la em praticamente todos os suportes, da imprensa à Internet, passando pela televisão) dedicada à natureza e à geografia humana se interesse por esta específica realidade musical. No website da National Geographic encontramos um texto assinado por Christopher Porter que alude a esse subgénero cada vez mais disseminado que dá pelo nome de *world jazz*.

Nestes termos: «O jazz é uma música verdadeiramente global, flexível o suficiente para se adaptar a cada situação. Acomoda uma grande quantidade de sons e opiniões sob o seu guarda-chuva, o que explica que artistas de todo o planeta tenham há muito adotado a sua linguagem harmónica e as suas inovações rítmicas, combinando-as com os estilos das regiões em que habitam, por mais distantes que sejam. O jazz viajou organicamente ou pela força da América para o mundo: através de imigrações e emigrações, por meio de trocas culturais e da ação das estações de rádio militares americanas, graças ao comércio do disco e de digressões patrocinadas pelo Departamento de Estado com músicos como Louis Armstrong.»

Assim tem sido desde, sobretudo, a Segunda Guerra Mundial, e se, na altura, os estrategas desta difusão da “música norte-americana” terão julgado que o idioma musical seria tocado na Europa, na Ásia, na América Latina e na Oceania tal como foi formatado (se é que alguma vez contemplaram

a hipótese de que não seria apenas ouvido), o certo é que cada comunidade inventou, a partir dele, o seu próprio jazz. A semelhança com o original foi variando consoante a solidez das várias identidades culturais, mas também com o tipo de relação mantida com os EUA.

E porque tudo o que vai logo volta, como o *boomerang* dos aborígenes australianos, o jazz da América começou a ouvir esses outros jazzes, bem como as sonoridades do mundo que foi descobrindo graças às suas políticas externas (as de cunho economicista tanto quanto as armadas) e ao estreitamento da “aldeia global”, e a fazer outras versões do que lhe chegava. Às tantas, o dito jazz tinha-se universalizado, deixando de ser simplesmente um artefacto *made in USA*.

É neste macro contexto que se situa o trabalho realizado pelo Trio Reijseger-Fraanje-Sylla, grupo sediado na Holanda que inclui um peculiar cantor senegalês, Mola Sylla, que inventa e constrói os *lamelofones* com que se faz acompanhar. Um contador de histórias, na boa tradição *griot*, mas com a particular habilidade de improvisar livremente as palavras e os sons, não se limitando a reproduzir a herança que lhe foi oralmente transmitida. Essa peculiaridade está bem sustentada, pois o violoncelista Ernst Reijseger e o pianista Harmen Fraanje são ambos casos à parte: tiveram formação clássica mas depressa descobriram que não cabiam no espartilho da “erudição”, e quando verificaram que o jazz era uma alternativa o que fizeram foi ampliar o território deste até ao limite e para

além dele, aplicando as promessas de liberdade propagadas por este formato musical.

Como não há uma dimensão macro que não contenha algum micro-circunstancialismo, na descoberta que Reijseger e Fraanje (o primeiro enamorando-se muito especialmente pelos corais polifônicos sardos dos coletivos Tenore e Conordu de Oresei e o outro, por exemplo, pelo fado-canção na voz de Cristina Branco) fizeram das chamadas “músicas do mundo” influíu um recente interesse do jazz e do rock holandeses por África... Ora, acontece que o veterano do violoncelo pertenceu durante muitos anos à Instant Composers Pool e alguns dos membros deste *ensemble* da área do *free jazz*, entre eles Han Bennink, Wolter Wierbos e Ab Baars, associaram-se ao grupo *punk* anarquista The Ex em projetos que envolvem ou envolveram, sobretudo, músicos da Etiópia como Getatchew Mekurya e Mohammed “Jimmy” Mohammed. Em paralelo, os mesmos The Ex apadrinhavam as carreiras internacionais do maliano Djibril Diabate e dos congolenses Konono nº 1.

É neste enquadramento que Ernst Reijseger conhece Mola Sylla, que no final da década de 1980 havia partido de Dakar para tentar a sua sorte na Europa, escolhendo para a sua estreia no Velho Continente a cidade de Amsterdão. Reijseger ficou tão impressionado com o jovem («o poder com que canta é impressionante, seja a improvisar melodias ao jeito da pop senegalesa ou a enaltecer o profeta Maomé»), comentando que o convidou a trabalharem juntos, as

mais das vezes em duo, dessa parceria resultando as bandas sonoras de filmes do mítico Werner Herzog como *My Son, My Son, What Have You Done* e *Cave of Forgotten Dreams*.

Aí, a Sardenha cruza-se inesperadamente com África. Reijseger chegou a hesitar, temendo que tal transversalização idiomática fosse excessiva, mas decidiu ir em frente: «Pensei nos equívocos que surgem quando músicos de jazz convidam músicos de outras culturas. Regra geral, isso cria mais confusão musical e cultural do que é necessário...»

O dueto ampliou-se com a integração de Harmen Fraanje em 2009. Reijseger considerou que a abordagem lírica dos pianismos deste, em linha com o que se ouve no eixo Alemanha-Escandinávia dos catálogos discográficos da ECM, da Act e da Rune Grammofon, poderiam acrescentar algo à equação e assim se confirmou. Experimentalismo, poesia sonora, exotismo étnico e, com não menor relevância, humor são as coordenadas da proposta, e se os fãs da fórmula avançada pelo trio Georg Grawe – Ernst Reijseger – Gerry Hemingway, mais extrema e descomprometida na sua perspetiva da improvisação livre, não apreciam especialmente os investimentos do Reijseger votado à *world music*, o certo é que o grupo que nos visita está a introduzir um novo capítulo na evolução do jazz regionalista.

Em termos de metodologia, não se pode dizer que os parâmetros com que os nossos visitantes lidam sejam muito diferentes daqueles com que Ernst Reijseger operava nos tempos em que

tocava com Misha Mengelberg ou com Derek Bailey. Ainda que tal se verifique devido a um acidente no início do projeto (não houve oportunidade para os três músicos ensaiarem aquando do primeiro concerto), o processo utilizado continua a ser o da improvisação, sem temas nem predefinição de estruturas. Tudo o que acontece nasce no palco – ou quase, pois algumas das histórias ditas/cantadas por Sylla em Wolof, a sua língua nativa, podem ter séculos de existência.

Afirma o mentor deste trio: «A improvisação é apenas um método. Nunca fui do tipo de pessoa que diz: “É assim que as coisas têm de ser, é esta a minha crença religiosa.” A improvisação é simplesmente um método que continuo a aplicar. E não, não sinto que esteja a lutar contra os géneros musicais estabelecidos. Sinto-me honrado quando dizem que sou um músico de jazz. Mas também toco violoncelo, sou europeu, oiço música pop, *folk* e *kitsch*. Vivemos numa época muito interessante, uma época em que temos acesso a todas as músicas que se fazem.»

Decerto que este *world jazz* não tem a tónica *underground* e militante do jazz-rock africanizado dos The Ex com a frente de sopros Brass Unbound, até porque, no lugar das referências rock, serão clássicas as que ouviremos (para todos os efeitos, o violoncelista que em tempos colaborou com a trupe The Ex foi o norte-americano Tom Cora, entretanto falecido, e não Reijseger), mas não é menos verdade que, sem haver escrita neste grupo, chegou-se curiosamente a um nível de depuração formal que

no outro caso foi sempre (intencionalmente?) evitado.

Podemos mesmo dizer que, de um *world jazz* Okupa (a banda *punk* surgiu com o movimento de ocupação de casas abandonadas na Holanda) se passou, com o Trio Reijseger-Fraanje-Sylla, para um *world jazz* National Geographic, dirigido a um público mais amplo porque é musicalmente mais acessível e menos politizado. Como declara Harmen Fraanje: «A música é a mensagem. E embora cada indivíduo entenda a mensagem à sua maneira, o que eu espero é que a nossa música traga alegria e felicidade àqueles que estão em baixo ou tristes ou deprimidos.»

Rui Eduardo Paes
Crítico de música, ensaísta

Ernst Reijseger

Nasceu em 1954 em Bussum, na Holanda. Toca violoncelo desde os 7 anos de idade e começou a apresentar-se como violoncelista e improvisador em 1969. Desde então tem desenvolvido o seu próprio vocabulário musical. Em 1974 o seu professor Anner Bijlsma (enorme violoncelista, um dos percursores da Escola Barroca Holandesa) aconselhou-o a dar por terminados os seus estudos no Conservatório de Amsterdão e a seguir o seu próprio caminho.

Desde então tem desenvolvido uma atividade intensíssima e extremamente variada, alguma dela fixada em mais de 150 discos, na sua maioria editados pela Winter & Winter. Muitas das suas colaborações não se podem classificar em géneros. Escreve para e improvisa com músicos e *ensembles* de diferentes disciplinas musicais e nacionalidades.

Em 1985 recebeu o prémio Boy Edgar (prémio holandês para jazz e música improvisada) e em 1995 o Bird Award do North Sea Jazz Festival entre outros galardões, como o Gouden Kaf (prémios de cinema holandeses) na categoria de melhor música, em 2010.

Para além dos recitais a solo, onde interpreta a sua música, Reijseger tem tocado, entre outros, com Sean Bergin (saxofonista), Burton Green (pianista), Martin van Duynhoven (baterista), Derek Bailey (guitarrista), Alan Purves (percussionista), Franky Douglas (guitarrista), Lesley Joseph (baixista), Trilok Guru (tablista), Yo Yo Ma (violoncelista), Franco d'Andrea (pianista), Louis

Slaviv (clarinetista), Simon Nabatov (pianista), Mola Sylla (cantor), Serigne Gueye (percussionista), Mats Eilertsen (baixista), Thomas Strønen (baterista), Stian Carstensen (multi-instrumentista), Jarle Vespestad (baterista), Maria Pia de Vito (cantora), Uri Caine (pianista) Harmen Fraanje (pianista), Wolfert Brederoode (pianista), Luciano Bondini (acordeonista), Michel Godard (tubista), Giovanni Sollima (violoncelista), Gerry Hemingway (percussionista), Joëlle Leandre (contrabaixista).

Fez parte de ou colaborou com diversos grupos que praticam géneros musicais muito diferentes, tais como Theo Loevendie Consort, Guus Janssen Spetet, Arcado String Trio, Trip Clusone, Misha Mengelberg's Instant Composers Pool, Quinteto de Gerry Hemingway, Amsterdam String Trio, trio com o pianista Georg Graewe e o percussionista Gerry Hemingway, trio com o trompetista Eric Vloeimans e o guitarrista Anton Goudsmit, duo com o pianista Harmen Fraanje, trio com Harmen Fraanje e Mola Sylla (a formação desta noite).

Reijseger colabora também com o grupo vocal da Sardenha Tenore e Concordu de Oresei. Com esse grupo e Mola Sylla tocou uma versão para concerto da música que escreveu para filmes de Werner Herzog. O título desse concerto e do CD que lhe corresponde é *Requiem for a Dying Planet*.

Para a Amsterdã Cello Biennale, 2010, Reijseger trabalhou com 140 jovens violoncelistas que juntou episodicamente numa orquestra, a Mega Kinder Cello Orkest.

Na ilha Reunião Reijseger encontrou acidentalmente o grupo Goove Lélé. Esse encontro levou a uma estreita amizade e a uma colaboração musical. Juntos gravaram o CD *Zembrocal Musical* que recebeu o prémio francês Trophée des Arts Afro Carabiéen para o melhor disco de 2010.

Em 2008, no Porto, por iniciativa do Serviço Educativo da Casa da Música, Reijseger trabalhou durante três meses com o bailarino António Tavares e o realizador Tiago Pereira no projeto *Aniki in da House* (filme de Tiago Pereira) na preparação de um espetáculo de dança, música, vídeo, *performance*, que foi apresentado por ocasião do centésimo aniversário de Manoel de Oliveira, com crianças de bairros equivalentes aos dos protagonistas do filme *Aniki Bóbo*. Nesse espetáculo, Reijseger dirigiu um grupo de 90 jovens violoncelistas.

Reijseger atuou com poetas, escritores, bailarinos, artistas visuais, em peças de teatro radiofónico, tocando na primeira transmissão da série *Sesame Street* na Holanda. Escreveu música para teatro e para dança, compôs música de câmara mas também concertos para solista e orquestra, música para filmes (sobretudo de Werner Herzog), etc. Regularmente toca para crianças e dá aulas em festivais e conservatórios por todo o mundo.

Harmen Fraanje

Segundo o importante North Sea Jazz Festival, Harmen Fraanje conta-se, apesar de muito jovem, entre os mais

proeminentes pianistas de jazz da Holanda.

Em menos de dez anos construiu uma carreira impressionante que tem ainda muito para dar. A música de Fraanje tem muitas “camadas”. As suas musas musicais são muitas como numerosas são as colaborações que tem desenvolvido. Consegue surpreender com um verdadeiro caleidoscópio de jazz, *world* e música clássica.

O seu mais recente projeto é o trio Avalonia, que lidera, e que gravou o ano passado um álbum homónimo. O aclamado site *AllAboutJazz* selecionou um concerto deste trio como um dos melhores concertos de 2010, no mesmo grupo em que se incluem John Scofield, Brad Mehldau e Bill Frisell.

Harmen toca muito no Trio Reijseger Fraanje e Sylla criando um som autêntico com um caráter único. Um mundo com humor e generoso onde a brilhante improvisação é guiada por uma técnica impressionante.

Mola Sylla

Sem limites, esta é a forma de melhor descrever o cantor e instrumentista senegalês. É, de muitas maneiras, um explorador musical. De Norte a Sul as pessoas podem identificar-se com a sua música. Algumas vezes a solo, mas mais frequentemente com colegas de todos os cantos musicais. Músicos que não hesitam em evitar caminhos já percorridos para partir na ousadia da improvisação.

Mola Sylla nasceu e foi criado em Dakar, no Senegal. Cresceu na tradi-

ção dos *griots*. Os *griots* transmitem histórias, de geração em geração, por vezes acompanhadas de música, teatro e dança, desempenhando um importante papel na cultura da África Ocidental. Nas suas canções, cantadas a maior parte das vezes na sua língua nativa, o Wolof, Sylla inspira-se nesta rica tradição narrativa africana.

A sua primeira banda, Senemali, trouxe-o, no final da década de 1980, para a Europa. Desde então, Amesterdão tem sido a base da sua procura musical. Um percurso que o leva a muitos géneros e estilos, mas sempre com um reconhecível som próprio. As suas excecionais capacidades como improvisador levam-no a ser um músico muito requisitado por diferentes formações.

Mola Sylla é principalmente um compositor e vocalista. As suas composições, marcadas pelo ritmo e pela melodia, divergem dos esquemas habituais ocidentais. Como um “artista da voz” emociona quem o ouve. Mas também está à vontade como instrumentista criando, com instrumentos tradicionais – alguns dos quais construídos por si –, um som único. Tudo em que toca se transforma em música.



Culturgest, Espaço CarbonoZero®

A compensação das emissões de carbono decorrentes da utilização dos espaços da Culturgest, localizados no Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos, está integrada na estratégia do Grupo para o combate às alterações climáticas. Esta iniciativa enquadra-se num conjunto mais alargado de ações, que vão desde a inventariação das emissões associadas ao consumo de energia e ao tratamento dos resíduos produzidos nas instalações, à implementação de medidas de eficiência energética para redução das emissões. Com efeito, tem-se vindo a assistir a uma redução das emissões de carbono observando-se um decréscimo progressivo de cerca de 35% face a 2008. Esta é uma redução com tendência a acentuar-se com a implementação de um conjunto de medidas adicionais, estando prevista

uma redução total de 16 500 kWh/ano, o equivalente a cerca de 220 viagens de carro Lisboa-Porto.

Apesar de contribuírem para a redução das emissões de carbono, estas ações não são suficientes para evitar por completo estas emissões. Assim, as restantes emissões são compensadas através da aquisição de créditos de carbono provenientes de um projeto tecnológico localizado no Brasil e que cumpre os requisitos Voluntary Carbon Standard (VCS). A compensação das emissões inevitáveis da Culturgest constitui, assim, uma internalização da variável carbono decorrente da utilização dos seus espaços e contribui, igualmente, para a meta de neutralidade carbónica expressa no Programa Caixa Carbono Zero.

Mais informações em:
[www.cgd.pt/Institucional/
Caixa-Carbono-Zero](http://www.cgd.pt/Institucional/Caixa-Carbono-Zero)



Próximo espetáculo

At most mere minimum

Quando muito o mínimo

De Carla Maciel,
Gonçalo Waddington,
Sofia Dias e Vítor Roriz

Teatro de qui 29 novembro
a dom 2 de dezembro

Palco Grande Auditório · 21h30 (dom 17h)
Duração aproximada: 1h10 · M12



Cocriação e interpretação Carla Maciel, Gonçalo Waddington, Sofia Dias e Vítor Roriz
Coprodução Culturgest, Teatro Nacional São João, Guimarães Capital Europeia da Cultura

At most mere minimum é uma tentativa de aproximação que permite fragmentar um momento em infimas partículas. Nessa ampliação, lenta e infinita, revelam-se brechas que nos permitem manipular e redimensionar a realidade. Como um movimento da consciência ao interior do crânio, onde simultaneamente nos apercebemos do movimento das pálpebras e contemplamos o exterior, numa cadência ininterrupta, entre o pormenor e a totalidade, sempre impossíveis de alcançar.

At most mere minimum expressa também a nossa vontade de criar um espaço de encontro e experimentação

que intensifique diferenças e alimente o desejo de partilha das várias perspetivas, alargando assim a nossa visão sobre o mundo.

Carla Maciel e Gonçalo Waddington têm uma extensa carreira de atores no teatro, cinema e televisão. Em 2011, interpretaram o par central de *Rosmersholm* de Ibsen, estreia de Waddington na encenação; em 2010 tinha-se iniciado na realização com a curta-metragem *Nenhum Nome*, que Carla protagonizou. A última (e nona) peça da dupla Sofia Dias & Vítor Roriz, *Fora de qualquer presente*, estreou no Alcantara festival deste ano. A anterior, *Um gesto que não passa de uma ameaça*, recebeu o prémio Jardim d'Europe em 2011. Nomes centrais de uma nova geração da dança portuguesa, trabalham juntos desde 2006.

Conselho de Administração

Presidente

Fernando Faria de Oliveira

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Luísa Fonseca

estagiária

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Rui Osório de Castro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

Ricardo Guerreiro

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt - www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
